

A Construção da Identidade Psicossocial: Reflexões sobre as Memórias Sociais com base em Pollak

The construction of the psychosocial identity: reflections about social memories based on Pollak

Rodrigo dos Passos Faria

Resumo

Como se constrói um indivíduo que pertence a um grupo social ou vários? Quantos multiversos em sua psique traz à tona memórias sociais: individuais, coletivas, subterrâneas ou não? Quais memórias conseguem desconstruir e (re) construir o seu eu num determinado tempo-espaço? Trazendo minhas memórias pollakianas no processo de (re)construção e na minha trajetória de vida, principalmente nos espaços formais de formação (instituições de ensino). No decorrer deste relato, através dos conhecimentos populares e científicos, transformando o eu social através das às trocas de saberes. O tempo é o divisor de água que agrega trocas de saberes ao longo da vida com o outrem em seus multiversos psicossociais, históricos e culturais. Uma das principais questões neste processo são os fragmentos mnemônicos que faz com que ele monte um quebra-cabeça, (re)construindo o seu eu. Possibilitando achar em sua psique e memória, pedaços na construção do eu social, individual, psicológico, político, cultural.

Palavras-chave

Identidade, Memórias sociais, Psicologia social.

Abstract

How it's built an individual who belongs to one social group or several? How many multiverses in your psyche bring up social memories: individual, collective, underground or not? Which memories are able to deconstruct and (re) construct your self in a certain time-space? Bringing my pollakian memories in the process of (re) construction and in my life trajectory, mainly in formal training spaces (educational institutions). In the course of this report, through popular and scientific knowledge, transforming the social self through the exchange of knowledge. Time is the watershed that aggregates exchanges of knowledge throughout life with others in their psychosocial, historical and cultural multiverses. One of the main issues in this process is the mnemonic fragments that make him put together a puzzle, (re) building his self. Making it possible to find in his psyche and memory, pieces in this construction of the social, individual, psychological, political, cultural self.

Keywords

Identity, Social memories, Social psychology.

Rodrigo dos Passos Faria

Instituto Federal de Educação

Mestre em Ensino de Ciências, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis.

farria.rpf@gmail.com

Introdução

A Memória pode-se traduzir como as reminiscências do passado, que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou ainda, como a capacidade de armazenar dados ou informações referentes a fatos vividos no passado. Partindo dessas definições cotidianas para um termo que perpassa por áreas como Psicologia, Filosofia e Sociologia e que já foi estudado igualmente por pesquisadores dessas mesmas áreas, cabe classificá-lo então, como multimodal, multidisciplinar e multidimensional (LEAL, 2012, p. 1).

Quem é você neste vasto multiverso? Como você se identifica quando se olha no espelho? Se identifica o inverso do seu eu ao se olhar ou se reduz a uma única caricatura sem modelagem? Quando você chega a um local, quais das suas facetas são apresentadas para identificar o seu eu, naquele momento? O seu alter ego ou sua psique é o bastante para te definir como você é ou para quem você é? Entenda, não falo em facetas como personagens que se sobrepõem uns sobre as outras para se representar em diversos lugares nesta imensidão que é o universo, em determinados momentos para simplesmente representar o seu eu escolhido para aquele dia, lugar e hora. Muito menos falo de pessoas que sofrem distúrbios de múltiplas personalidades. Não estou falando de um ator ou atriz de teatro que interpretam diversos papéis para apresentar às outras personalidades, características que lhe colocam numa posição social aceitável, sempre interpretando outro papel para se identificar nesta dimensão. De fato, o tempo é o algoritmo mais importante nesta discussão do ser: de se identificar, representar, colaborar e acrescentar neste vasto universo. E falando em universo, eu me refiro aos universos criados por cada pessoa existente neste planeta, que o constrói, talvez para se blindar de algo, que venha do outro, ou para se aproximar do outro, juntando esferas multidimensionais, dentro de um universo alternativo e paralelo. Parece utópico, não é? Vejamos por outros parâmetros: um ser possui conhecimento, discurso, diálogo, criatividade, identidade, atividades, experiência, vivência, relacionamento com o outro, porém, ele se limita ao seu mundo ou dimensão de conforto e prefere que seja assim. Não há trocas, não há mais contatos, não há mais conhecimentos, pois, a interação deste eu, se limitou a isso. Então porque eu preciso ter em mente que existem várias dimensões/ mundos dentro deste mundo se não vai acrescentar nada? Na realidade, o seu eu já está acrescentando e ao mesmo tempo absorvendo informações de cada dimensão que circundam o seu mundo, sem perceber.

Como apresentei anteriormente, o tempo é o algoritmo divisor de águas nesta questão, o resgate de memória. Temos diversos autores que afirmam que desde o nascimento do seu eu (ALMEIDA; ANTUNES, 2005), você está em constante transformação, pelo nome que lhe foi dado, desde as primeiras falas, sejam monólogos iniciais, até evoluir para diálogos fraternais e posteriormente o seu contato com as dimensões que o cercam, apresentam-lhe uma diversidade de informações, gestos, expressões, características, dialogicidade, memórias que antes você não tinha, mas absorveu através do outro. “Cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLAK, 1992, p. 206). Percebam que o tempo está presente em cada percurso trilhado em sua vida, no universo do seu eu. Essa troca de informações ou apropriação da mesma, como na linguagem da computação, seriam *bits* (*Binary Digit*), sendo dígitos binários usados como regras sintáticas e semânticas para executar uma leitura ou significados, para isto, precisam de um programador para dizer o que o

computador precisa realizar em seu sistema. Existem tipos diferentes de linguagens na computação, de baixo e de alto nível. Onde quero chegar com essa analogia? Digamos que fosse um computador e para processar os dados em seu *Hard Disk* (HD), você precisa de um Programador para informar uma fórmula inicial, para que você comece a funcionar e entender esta linguagem que o interlocutor quer passar para você, criar dentro de sua programação ou mente. Ou seja, o seu eu precisa do outro para se apropriar de conhecimentos e saberes que antes você não tinha, para você começar a entender o seu próprio universo e entender o do outro.

De acordo com Almeida e Antunes (2005), a memória para Vygotsky é uma forma mediada de atividade psicológica, constituindo-se em um processo de internalização das práticas sociais (FREITAS, 1996). Apenas ao internalizar tais práticas é que o indivíduo se transforma em um sujeito consciente. A prática social, os contatos e as experiências vivenciados durante sua história representam símbolos que compõem uma memória específica, trazendo relevância e importância para análise (FARIA, 2016, p. 15).

Entendemos também que o seu eu está em constantes transformações com tudo que orbita no seu universo. O seu eu é inacabado sempre, pois você precisa da troca de saberes e de experiências do outro para se transformar a cada período de tempo e espaço específico. Falando de maneira geral, você pertence, por exemplo, a uma determinada classe. Tal classe, de acordo com a sociedade, dita quem você é, porém, não é bem assim que funciona. Sua identificação vem de uma grande rede de outros que trocam com você uma infinita gama de conhecimentos e experiências que faz com que o seu eu se transforme novamente e crie uma nova identidade a cada determinada linha do tempo da sua vida. Percebeu como o tempo e o outro é importante para a criação do seu eu? E a dialogicidade e linguagem que existe nesta determinada classe vai lhe trazer determinados aprendizados que cresce cada vez mais: ensino-aprendizagem (BARROS, 2012). Assim como a analogia do computador, ele precisa de alguém para executar o processamento de informações (dar o primeiro comando – que seria a primeira interação do seu eu), até que este alguém lhe passe novos comandos digitais e que o façam evoluir para linguagens de alto nível.

Temos os saberes primários e os secundários que se dão ao longo da sua vida, num determinado tempo, dentro e fora da sua dimensão. Entendemos aqui, que as interlocuções existentes trazem criticidade no aprendizado, mesmo sendo um saber popular, até aprendizados científicos. E isto se dá de diversas formas de linguagem: corporal, gestual, dialógica, algoritmos, sinais, signos, itens, que de alguma maneira é armazenado em sua memória (ou HD), e que posteriormente tal memória o ajuda a entender melhor o seu eu, enquanto sujeito em processo de criação e transformação inacabado, desde seu nascimento a sua rotina cotidiana presente. Ainda conseguimos perceber o tempo que conduz todo esse processo de entendimento do eu e do outro. O outro articula com seu eu, assim como você articula com o outro. É uma constante troca de saberes e conhecimentos que vão sendo alojado nas suas memórias, sejam de curto ou longo prazo, pois vem à tona em determinado momento de sua vida tal lembrança para você entender tal objeto, por exemplo, “nós recordamos construindo narrativas que exigem a evocação de eventos passados para sua conclusão inteligível” (BAKHURST, 2002, p. 240). Os sinais dão direcionamento para sua memória e facilitam o entendimento sobre aquilo que você está analisando e tentando ou conseguindo entender. Os sinais, no decorrer da vida, nada mais são que lembretes, ou *post-it*, que utilizamos para nos orientar e fazer vir à tona a memória sobre aquilo que você deseja

saber mais ou passar seu conhecimento para o outro. Para esclarecermos o outro, é denominado para toda e qualquer pessoa que orbita no seu mundo/dimensão, no processo criativo do seu eu, na criação da sua identidade como um ser indivíduo que faz parte de uma classe social, acrescentando valores e significados do eu.

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson¹ prediz que o crescimento psicológico ocorre através de estágios e fases, não ocorre ao acaso e depende da interação da pessoa com o meio que a rodeia. Cada estágio é atravessado por uma crise psicossocial entre uma vertente positiva e uma vertente negativa. As duas vertentes são necessárias, mas é essencial que se sobreponha a positiva. A forma como cada crise é ultrapassada ao longo de todos os estágios irá influenciar a capacidade para se resolverem conflitos inerentes à vida. Esta teoria concebe o desenvolvimento em 8 estágios, que decorrem desde o nascimento até à morte, pertencendo as quatro primeiras ao período de bebê e de infância, e as três últimas aos anos adultos e à velhice (BARBOSA, 2013).

Neste sentido, percebemos que o desenvolvimento psicossocial está diretamente entrelaçado com a (re)construção do indivíduo, incluindo as fases ou etapas de desenvolvimento psicossocial descrita por Erik Erikson (1902-1994), assim como os processos de desenvolvimento cognitivo de aprendizagem por Lev Vygotsky (1896-1934); a (re)construção de desenvolvimento cognitivo do indivíduo e aprendizagem, como Paulo Freire (1921-1997); e a (re)construção individual e social como Michael Pollak (1948-1992). Todos têm a mesma linha de raciocínio: o contato com o outrem traz à tona o desenvolvimento e o crescimento psicossocial, aprendizagem cognitiva na (re)construção do eu social, individual/coletivo, psicológico, político e cultural.

Este eu, se constrói, se desconstrói e reconstrói a cada interação com as demais dimensões, validando a caracterização do seu eu, na sua identidade. A sua identidade se constrói tanto por objetos, gestos, dialogicidade e memória no percurso da sua vida (POLLAK, 1992; BAKHTIN, 2014). A memória é um fator muito importante nesta construção, desconstrução e reconstrução do seu eu, da sua identidade, todos os dias. Ao receber tal conhecimento, você armazena na memória e o traduz, de acordo com o seu eu, mesmo sendo uma réplica do outro, tornando-o mais crítico e não deixando passar informações vazias, sem significação que contribua para sua construção de identidade. Às vezes um monólogo pode lhe acrescentar conhecimento, pois você já detém diversas informações recebidas pelo mundo e pelo outro, e você só organiza sua memória, como um jogo de quebra cabeça, encaixando as peças, ao longo da sua trajetória. Isso no seu processo de tradução do que leu, reconheceu ou aprendeu.

Podemos exemplificar: uma viagem feita com seus familiares, ou uma visita a um museu de artes ou de história, ou uma simples caminhada pela praia, pode trazer memória de curto prazo, percorrendo a mente. Já para as memórias de longo prazo, é necessária uma conexão cognitiva que ajuda na sua perfilização identitária social, política, histórica e cultural, ou seja, suas memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 2017).

A grande questão na perspectiva memorial é que traduzem muitas das suas inquietações, cuja crítica vem à tona, e desenha um vetor de direcionamento identitário. O constante processo de reconhecimento do seu eu, te leva a questionar tudo ao seu redor. Todas as trocas, diálogos, aprendizados (seja pelos pais, escola, comunidade, associações, igrejas, etc.) acrescentam neste eu inacabado, por isso as inquietações, pois a memória está tentando colocar cada peça do quebra cabeça para fazer sentido e

1

Erikson dá especial importância ao período da adolescência, devido ao fato ser a transição entre a infância e a idade adulta, em que se verificam acontecimentos relevantes para a personalidade adulta. Erikson perspectivava o desenvolvimento tendo em conta aspectos de cunho biológico, individual e social. Segue os processos dos estágios: 1) confiança/ desconfiança; 2) autonomia/ dúvida e vergonha; 3) iniciativa/ culpa; 4) indústria (produtividade) /inferioridade; 5) identidade/confusão de identidade; 6) intimidade/ isolamento; 7) generatividade/ estagnação;

significado, para que você possa também passar seus conhecimentos para outros, com réplica e tréplicas de diversos momentos de sua vida exposta pela memória. Levando em consideração que determinadas memórias, por se tratar de lembranças não muito agradáveis, você coloca numa caixinha na mente para o esquecimento da mesma, pois se acredita que não irá contribuir para a construção de sua identidade e nem do outro. Aí entramos em memórias subterrâneas que aparecem quando situações marginais, num “silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise” (POLLAK, 1989, p. 4), que passamos em determinados momentos de nossas vidas, mas que também, mesmo sendo uma memória que possa te trazer certo tipo de tristeza, emergem e ganham poder, preenchendo uma lacuna nesse jogo de quebra-cabeça que é a mente.

A assunção de conhecimentos populares (FREIRE, 2014), desde as ternas ligações fraternais até seu contato com mundo/ dimensões diferentes de cada outro, que são eus também, como apontamos acima, existe a necessidade intrínseca de se questionar sobre este eu novo que se cria, que se questiona, que se contextualiza e recontextualiza com as memórias presentes e passadas, para definir quem eu sou? Por que estou aqui? O que me levou a este lugar?

Percebe-se que somente através da troca de diálogos essas vozes criam mecanismos de identificação social, permitindo, como diz Freire (2014), uma assunção do próprio sujeito naquele tempo e espaço; assumindo-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador [...] capaz de reconhecer-se como objeto de suas auto-análises e críticas, dentro de uma realidade concreta (FREIRE, 1986), que se domina como uma relação dialética entre a objetividade e subjetividade da vida (práticas e aprendizagem); suas experiências, falas e trocas de saberes são reais, tal qual o material que por ele é recolhido para o sustento de si e do outro. Tendo voz, o indivíduo se torna livre (FARIA, 2016, p. 13).

O processo de regaste de memória é um transcurso de autoconhecimento da sua identidade. Buscando apoio tanto em Paulo Freire a coragem de se tornar parte de uma sociedade excludente, tornando-se visível; quanto em Mikhail Bakhtin, através das dialogicidade entre seus pares, na construção da identidade social e linguagem; e engendrado por Michael Pollak, Paulo Freire e Lev Vygotsky, é possível buscar entendimento na constituição psicossocial através de suas memórias, para identificação de um grupo social, político e culturalmente organizado. As questões acima apresentadas permitem a autocrítica e nos leva a reconhecer nosso papel na sociedade e em qual nível social, coletivo ou não, ele está nos permeando, pois um indivíduo inacabado, reconhecendo sua assunção na sociedade e suas trocas de experiências vividas ao longo de sua vida e como se dá a sua dialogicidade num contexto social, não se prende a uma única esfera/ dimensão. Ele é permeável, como uma membrana plasmática, que permite a passagem do solvente e do soluto, ou seja, assim como o transporte ativo ou passivo, permite a absorção de determinadas informações e, ainda nesta analogia, refaz-se ligações através de receptores com outras membranas, ou dimensões, havendo cada vez mais trocas de saberes e conhecimentos, ou seja, “a memória é seletiva. Nem tudo fica guardado... registrado” (POLLAK, 1992, p. 203).

O eu memória, o eu dialógico, o eu sujeito, o eu social, o eu histórico, dependem necessariamente das redes de conexões e trocas ao longo do seu desenvolvimento inacabado, em determinado período de tempo-espço, associado a qual classe ou estrutura social se encontra.

[...] que o homem não se reduz aos limites do tempo e do espaço. Suas raízes não devem ser um problema de desenvolvimento. Ele é sujeito por vocação o que lhe permite ultrapassar os limites do tempo e se lançar num domínio que lhe é exclusivo: construir sua história e sua cultura. Como um ser da práxis ele emerge da natureza para transformá-la. Pela sua capacidade de discernimento ele é impulsionado a tomar consciência de sua temporalidade e de sua transcendência (BRENNAND, 2014, p. 1-2).

A escola ideal no quadro até aqui exposto, pode ser considerada um local de autonomia, reflexão, dialógico e de trocas de experiências, construindo indivíduos críticos e capazes de enxergar além da linha tênue que existe entre professor-aluno, onde ambos aprendem um com o outro, além de ser um espaço de construção do eu, identidade e formação de memória, que deixa o desenvolver da criatividade e lança o indivíduo ao um mar de possibilidades de construção e desconstruções do seu eu. Local contextualizador que entende o indivíduo num espaço democrático e possibilita a construção do seu eu social, memorial, histórico e dialógico ajudando na construção da identidade deste indivíduo tanto individual como coletiva.

À medida que ocorre o entrelaçamento entre seus pares, como troca de saberes e vivências dentro de um contexto histórico, identificam sua ideologia e rompem com o poder hegemônico, libertando-se, de certa forma, da opressão ou exclusão vivida; assim, passam a ser sujeitos críticos dentro de uma classe, sabendo a favor de quê e de quem e contra quê e contra quem são historicamente desafiados a lutar (CALADO, 2001, p. 26).

Devemos tirar da mente que a escola é um local somente detentora de informações e que deve ser utilizada com parâmetros extremamente conservador, rígido, inflexível e onde deve seguir plenamente o currículo escolar e seus projetos políticos pedagógicas, onde não há a participação do aluno, levando em consideração que a mesma segue um sistema político educacional. Não! A escola tem que ser democrática. A escola é um local de permeabilidade, como na analogia acima. Permitindo a transversalidade, multitransversalidade, onde a estrutura escolar, cultural e as disciplinas se comunicam e o professor e a gestão escolar realmente necessitam de mudanças, transicionando para uma escola libertadora, como diz Freire (2014). A questão é o que de memória, diálogo tornam um sujeito em processo de criação, mesmo sendo inacabado, mas convivendo e trocando experiências com o coletivo e o global, tornando-o um eu social criativo e que pode gerar mais questionamentos para se apropriar cada vez mais do mundo a sua volta?

Qual nosso compromisso ético e social, enquanto professores e alunos (ainda em construção), para que a escola privilegie a democratização dos conhecimentos científicos e artísticos produzidos coletiva e historicamente por diferentes grupos sociais? Simples: a assunção do eu, ao entendimento do enunciado, e a leitura crítica, permite que este eu transicione entre os mais vários eus. Reafirmo que o tempo é o divisor de águas, e através dele obtemos inicialmente por pares fraternais, e posteriormente por coletivos sociais e coletivos escolares, aprendizagens múltiplas, cheias de questionamentos e trazendo suas réplicas para o chão da sala (ALARCÃO, 2010), isto tudo em um local e espaço temporal. Como essa dialogia permitimos que os conhecimentos populares se entrelaçam com os conhecimentos científicos. Não excluindo o que se vive no dia-a-dia, mas somando e se equivalendo aos saberes científicos que os professores/mediadores apresentam nas salas. Tornando os simbolismos bakhtinianos

em meros sinais cinéticos que facilitam a aprendizagem e a dialogicidade, num espaço-tempo definido, através das enunciações para cada disciplina discutida em sala de aula. Segundo Costa (2007, p.4), “na educação não formal há mais flexibilidade na escolha das temáticas e na ordem de apresentação dos conceitos, não existindo um currículo excessivamente estruturado”.

Ela vai além, destacando que independentemente do tipo de educação, faz-se necessário estabelecer relações dialógicas, evitando assim o monólogo, mas ressalta que nos espaços não formais há mais **possibilidades de diferentes vozes se sentirem em condição de serem ouvidas** (grifo meu). Com isso, podemos perceber uma prévia de caracterização identitária de tal grupo. A partir da dialogicidade e da troca de saberes, tais vozes se cruzam e buscam entre si características que sejam compatíveis com tal grupo social, dando início a **identidade social** (FARIA, 2016, p. 12).

Diante de todo o exposto, essa pesquisa tem como objetivo elucidar ou mostrar como o indivíduo se constrói, com base em suas crenças e troca de experiências (memória individual e coletivo), numa gama de redes, coletivos e culturas ou classes sociais, numa sociedade que não compreende o processo de identificação do sujeito, de transformações e na assunção do seu eu.

Metodologia

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando métodos de levantamento bibliográfico, História Oral, Autobiográfica e Resgate de Memória, atrelando-se com Análise do Discurso, por fragmentações memoriais desenvolvidos ao logo da vida. As memórias não são apagadas, muitas das vezes estão em processo de hibernação, e quando um sinal se apresenta num dado momento, espaço-tempo, tais memórias veem à tona, trazendo algo de dor ou alegria.

Foi trabalhado nesta pesquisa as memórias descritas por Pollak e temos como objeto/ sujeito de estudo o eu do autor, sendo analisado suas próprias memórias de curto a logo prazo, seus fragmentos, desde o seu nascimento até os contatos com demais coletivos e pares no ambiente escolar, tanto como aluno, quanto professor.

É nessa dualidade constitutiva do homem, em que a memória tem lugar central e em que singular e coletivo não são pares opostos, que estamos interessados. Sendo assim, construímos uma narrativa a partir da conversa com Pollak e Vygotsky a fim de dar à memória um sentido para além de “arquivo morto” ou de função determinista (FARIA, 2016, p. 21).

Caro leitor, que fique bem claro que as enunciações (BAKHTIN, 2014), presentes no relato de vida aqui apresentado, como aluno, como professor, como indivíduo de uma trajetória de muitos erros e acertos são válidos à medida que é lançado na análise do discurso para demonstrar uma identidade inacabada em diversos momentos históricos. Logicamente, não podemos afirmar que tudo que é dito tem uma veracidade num todo, mas o resgate de memória é para apresentar tais fragmentos e ajudar num quebra-cabeça ambulante, de um ser em constantes transformações. Aqui serão apresentados relatos de como as redes de contatos e troca de experiências

vivenciadas se deram no processo ensino-aprendizagem, e continua sendo enquanto indivíduos inacabados e autônomos (FREIRE, 2014).

Das minhas memórias

A escola como um espaço democrático, ético e de libertação é uma perspectiva, mas na prática não existe essa escola democrática utilizando metodologias de projetos, pois devemos entender também que cada estrutura escolar vem moldada pelo sistema e política educacional do espaço estadual de cada localidade. É simples dizer que a escola não dá oportunidade ao professor de ser mais autônomo e não entender o porquê ele não consegue fornecer um produto diversificado, criativo, democrático que facilita no processo ensino-aprendizagem do aluno. Devemos ter em mente, de forma global de um sistema engendrado e conservador, que por decorrência de várias demandas do sistema, algumas escolas conseguem mais fluidez para ensinar de forma autônoma e outras não. Neste caso, no meu resgate de memória escolar, vão aparecer escolas democráticas outras não, onde o professor tem liberdade para pôr em prática sua criatividade, num determinado assunto ou disciplinas, em que a troca de experiências será bem recebida e em outras não.

Iremos apresentar os tipos de memórias que Pollak (1992; 1989) demonstra em seu trabalho e reafirmá-los, na minha história de vida, resgate de memórias, trajetória e inacabamento. O autor apresenta as seguintes memórias: Primária ou Natural²; Artificial³; Coletiva ou Secundária⁴; Nacional⁵; Subterrânea⁶; e Mediada⁷.

Essas memórias, que na perspectiva vygotskyana referem-se à construção sócio político-histórico-cultural de um determinado grupo e se expressam (se constroem) por meio da linguagem e, mais corriqueiramente, pela oralidade (troca de saberes), remontam a gestos, gostos e ideias que são característicos do grupo em que a pessoa se relaciona e que vão contribuir para a formação de sua identidade (COSTA, 2013), ou seja:

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

E eu (autor), passei por grande parte das memórias descritas acima, tanto nas memórias pollakianas, quanto nas vygotskyanas, que se entrelaçam de qualquer forma. Boa parte delas com relação à curiosidade e criatividade que emanava quando criança, ou por questionamentos, que em um determinado tempo-espaço, ainda na dimensão fraternal, onde identificamos os signos e os sinais e nos questionamos e retemos estas memórias.

Eu, convertido em objeto de estudo (autor), posso relatar uma “amplitude” memorial, desde o meu desenvolvimento infantil até os dias atuais, que permanece em constantes transformações, basicamente uma autobiografia mnemônica, levando em consideração todas as trocas psicossociais, culturais, políticas, econômica e histórica (OLIVEIRA; REGO; AQUINO, 2006).

Prezado leitor, posso inferir minhas memórias, assim como os mais diversos indivíduos, principalmente na memória primária. A linguagem começa a ser um ato de interação em ambientes fraternos, assim como, nos contatos com outras crianças, igrejas, associação, etc. Neste processo, tudo é simbólico. Tendo em minha memória, que nesta etapa da minha vida, todos os objetos e pessoas, de cunho familiar e mais próximo deixaram marcas,

2

Que está diretamente ligada aos contatos fraternais e como contatos físicos ou empíricos com objetos, signos, datas históricas, costumes, tradições, interações sociais ou individuais, transposição de conhecimento familiar, ética e folclore, entre outros;

3

Segundo Sirgado (2000) o processo de identificação e materialização e, posteriormente, a criação de linguagem que atribui valores a estes signos na codificação desta memória natural; todos estes contatos trocam de experimento, identificação dos signos e sinais faz parte da memória individual;

4

Todas essas trocas, ações culturais, entrelaçamento histórico social e relatos;

5

Quando lembrado datas ou fatos decorridos por uma nação, assim, de forma coletiva, transferida de um grupo social para outro;

6

Onde em momentos de fraqueza e acontecimentos sociais, marginalizados ou silenciados se apresentam em determinado espaço-tempo;

7

Apresentam-se quando existem rupturas históricas, que fazem parte no decorrer do aprendizado e troca durante, ou seja, a transição de uma memória para outra.

signos e sinais que criam na mente uma memória primária ou individual envolvendo movimentos, falas infantis e gestos, desenvolvendo linguagens que me permitia identificar, por exemplo, que quando minha mãe brincava comigo mexendo em minha barriga e ninando, era para reconhecer que eu seria alimentado. Tudo faz lembrar alguma coisa que já vimos enquanto criança, nos anos iniciais. Mas as transformações continuam, pois já estou numa classe social pré-determinada pela sociedade local, naquele espaço de tempo e desenvolvimento.

Sinceramente não me recordo, ou esqueci minhas memórias primárias e secundárias nos anos iniciais (entre 1993 a 1997), tenho alguns fragmentos, como por exemplo, a de uma escola estadual. Algumas professoras se ligavam muito ao aluno, emocionalmente falando, por ser mais participativo ou por estar em situação de vulnerabilidade social (memória subterrânea). Lembro claramente quando o estoque de alimentos na escola já estava saturado e para não perder a validade, a escola fornecia leite (se não me engano da marca CCPL) e outros alimentos para levarmos para casa, para ajudar. Acredito neste caso eu estava no meu segundo ou terceiro ano escolar (já desenvolvendo interações linguísticas, memórias individuais e coletivas e identidade inacabada). Não me lembro à data, mas para se resgatar a memória se faz necessário a elucidação de momentos históricos, mesmo que só para a construção da memória individual ou coletiva. Vasculhando meus documentos escolares, este momento que exemplifiquei foi por volta de 1995. Pelo que me consta documentalmente meu ensino dos anos iniciais foram amparados pelo decreto nº 13/1976, artigo 5º, do CEE/RJ⁸ (sinceramente não sei o que isso significa, mas meus anos iniciais foram apagados da minha história documental). Consigo identificar que esta escola era democrática.

As interações linguísticas, trocam de aprendizados e saberes populares (desde as memórias individuais e as coletivas), começando a se entrelaçar com os saberes científicos, por volta de 1998 a 2001, de início o meu Ensino Fundamental II. Imaginem, caro leitor, uma criança ainda sem uma construção de identidade, que chega num ambiente escolar (BRENNAND, 2014). Você se sente um estranho em um local diferente. Porém, começam as amizades e o posicionamento direto e objetivo entre o professor-aluno. Sendo esse o professor um transmissor de informações, sem interação com os alunos e você fica preso ao famoso cuspe e giz. Uma realidade nua e crua de muitas escolas estaduais. Porém, posso afirmar que as memórias artificiais começam a fazer sentido, como por exemplo, em meus fragmentos memoriais, três professores que não estavam “presos na caixa” (ou normas escolares rígidas) na organização e gestão escolar, pois estou neste momento numa escola autônoma que permite a contextualização e a democratização do saber. Lógico que nem todos os professores realizam este tipo de educação freiriana. Lembro claramente que a linha tênue entre esses três professores tinha uma linguagem e atitudes freirianas no ato de ensino em ouvir o aluno. Vale ressaltar que eu ainda não tinha a noção de identidade social. Eu só pertencia aquele grupo acadêmico e o familiar, além dos culturais da minha cidade.

Se identificar enquanto sujeito pensante autônomo (SANTOS, 1998) e que pode questionar e não aceitar somente a réplica do professor conservador. Neste ponto eu já começo a ser crítico e argumentativo. Claro que houve problemas na escola: quem nunca? Por ser o questionador e respondão de disciplinas, tinha que ser disciplinado ao ouvir o professor e aceitar texto na lousa ou quadro verde/ preto, copiar e memorizar sem questionar e decorar para a prova. Existia a explicação dos assuntos e sem perguntar “Aula dada, próximo capítulo”. E foi assim o Ensino Fundamental II quase todo, tirando os três professores. Como posso descrever estes professores, que sinceramente me ajudaram muito na construção do meu eu. A professora de Língua

8

Deliberação nº 13/1976. Fixa normas para matrícula, transferência e adaptação de alunos e dá outras providências, conforme os termos do Parecer nº 77/1976.

O Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro (CEE/RJ), no uso de suas atribuições, com fundamento no art. 13 da Lei 5.692/1971 e no art. 100 da Lei 4.024/1961 e tendo em vista o Parecer nº 77/1976, que a esta se incorpora, delibera:

Capítulo I

Da Matrícula

[...]

Art. 5.0 - A matrícula no 1º Grau poderá ser inicial, em qualquer série, em decorrência de verificação do adiantamento do candidato, feita pelo estabelecimento de ensino através de processo pedagógicamente adequado, para situá-lo na série conveniente, desde que não se possa comprovar escolarização anterior.

Portuguesa, que não só se prendia a gramática e as correções ortográficas, pois ela trouxe do seu acervo pessoal de diversos livros para introduzir a leitura em nossas vidas. E crianças, pré-adolescentes querem ler? Não. Eles querem que acabem as aulas para irem para o pátio nos intervalos ou que dê a hora de ir embora para suas casas. Mas foi diferente, pois ela introduzia a literatura de forma dinâmica, o que fazia com que os alunos escolhessem um livro. Acho que o meu primeiro livro, e acredito que de muitos outros alunos, em dimensões/ mundos diferentes também foi: "O Primeiro Beijo, de Marcia Kupstas; meu segundo foi: "Anjos no Aquário", de Júlio Emílio Braz (ainda tinha essa questão de associar a leitura com gravuras, para um iniciante na leitura). Posteriormente foi: "A Marca de Uma Lágrima", de Pedro Bandeira... assim, comecei a me interessar pela leitura. Se não me engano meu quarto foi "Amar, Verbo Intransitivo", de Mário de Andrade. Desse modo ela fez a turma toda ler, através disso, comecei com diversas literaturas, nacionais ou não, e claro, querido leitor, que tenho uma escritora literária preferida, Hilda Hilst (claro que foi bem depois do Ensino Fundamental II, mas vale a pena falar de todo fragmento memorial). Esta professora fazia com que nós trocássemos cartas com outros alunos de outras instituições públicas onde também lecionava, para melhorar nossas escritas, discutir sobre livros etc. O segundo professor era o de Ciências (tinha que ser, né? rs), pois ele entrava na sala já cantando músicas direcionadas ao tema que iríamos estudar naquele dia. Ele subia nas mesas, fazia todos rirem e fazia paródias com os temas das Ciências e não se importava com o tradicional cuspe e giz, ele dava a aula simplesmente livre, feito um pássaro que sobrevoava a sala de aula. O processo de ensino-aprendizagem com ele era fascinante (criei minha identidade docente naquele momento, ou parte dela) e por último a professora de Matemática: nossa, como ela encantava os alunos nas suas explicações; se não sabia ou não entendia ela fazia questão de refazer e ensinar mais uma vez. Lembro claramente, acredito que foi no 7º ano ou 8º, que ela passou as famosas equações do 1º e 2º graus com suas variáveis e inequações ou funções. Ela tentava de todas as formas, para a turma aprender as equações e lembrar das fórmulas, mas ela fazia isso com a interação do aluno, criando ilustrações, desenhando, para facilitar o ensino-aprendizagem. Neste ponto estou com minha memória secundária e coletiva a todo vapor, sendo mais crítico e aprendendo a me relacionar muito mais com meus pares. Não que antes não houvesse relações, mas nessas aulas parece que a memória, a criação do indivíduo inacabado e análises do discurso (linguagem, gêneros discursivos, dialogia, compreensão do discurso de outrem e orientação apreciativa) estão entrelaçadas com as memórias e a criação do eu.

Quando entro para o Ensino Médio, num local diferente e pessoas de vários municípios, a interação e troca de experiências aumentaram exponencialmente. Porém, continuei dentro de uma escola conservadora. Poucos mais poucos mesmos tinham uma didática freiriana (basicamente os professores de Matemática e o de Biologia). Isto num espaço de tempo de 2002 a 2004. Neste momento continuo a criar identidade (MAHEIRIE, 2002), com as mais variadas vivências: sou um sujeito pensante e questionador. Além das caixas sociais que nos colocam (negro, pobre, etc.). Isso por algum tempo me incomodou severamente. A dedicação de ensinar não é mais uma prioridade, mas sim passar o conteúdo no quadro, identificar as enunciações, a linguagem, gêneros discursivos, dialogicidade e ser um replicador daquilo que está sendo "ensinado". Não me vejo mais como um sujeito. Me vejo como uma máquina que precisa tirar boas notas e ser aprovado ao fim de cada ano. Aí vem a memória mediadora e consequentemente as secundárias. Onde está aquele sujeito em transformação identitária e modelagens mnemônicas? Sou mais um, dentre 1500 alunos, numa escola conservadora que só está se importando com os números de aprovados. A criatividade é desfeita por um sistema educacional

e políticas educacionais públicas que determinam prazos e metas aos professores que correm com as matérias com a gente e que precisam ser aprovados. A compreensão do discurso de outrem, não mais de forma emocional, se torna por interesse: eu passo conhecimento para você e em troca eu passo o meu conhecimento para todos passarem de ano. Os grupos de estudos são só por interesse, não por afinidade. Torno a dizer, os professores de Matemática e Biologia eram emancipados, mas tinham que seguir as regras avaliativas que a gestão escolar empunhava. Neste ponto já tenho uma memória artificial, ou transitória, para a memória individual e coletiva, onde eu me identifico como um sujeito capaz de somar com que eu aprendo e multiplicar para os meus pares, porém de forma sintética. A dialogia do saber popular com o científico, de certo modo entra em colapso com todas as regras que me bloqueiam. Tendo uma dialogia crítica e transformadora, mas sem pôr em prática. Claro que com alguns professores e disciplinas era possível, mas era ainda muito limitador.

A memória subterrânea aparece para mim em momentos de *bullying*, de exclusão, de humilhação, de espeznimento, que me deixavam fragilizado e socialmente marginalizado. Sou um aluno que vem de um bairro “X” e com uma identidade “Y” que nem todos aceitam, e em diversos momentos me excluem, me deixam de lado, e eu me silencio – percebe que além da exclusão, racismo, homofobia, também existe uma discriminação geográfica/ zoneamento? Sim, vários alunos, que estudavam e morava no mesmo município, mas faziam questão de enaltecer que moravam em área mais nobre do município. Como, em tal momento da vida deles eles criaram a imagem de serem melhores, mesmo estando na mesma Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, que compreende 22 municípios; abaixo da linha do mar e conhecidos como a capital da Baixada Fluminense.

Em relação aos conteúdos disciplinares só comento com “amigos” com quem tinha alguma afinidade. Além dessa pressão toda, existia a obrigatoriedade de fazer o Exame Nacional do Ensino Médio, pois a escola alegava se você não fizesse não conseguiria seu diploma e histórico escolar. E neste momento, no final de 2004 faço a prova do Exame Nacional do Ensino Médio e consigo ingressar ao Ensino Superior, em 2005, pelo Programa Universidade Para Todos, com bolsa de 100%. Ou seja, vem à tona uma **memória nacional** que até o momento não tinha vivenciado. A gente aprende determinados fatos históricos durante o período de aprendizagem, mas você não vivência. Neste caso, eu fui um eu histórico e social, sendo aceito por um programa nacional, criando uma memória nacional plena.

Quando entro na Graduação o meu mundo/dimensão dá um giro de 360°. Minha vida não era só aquilo que me foi apresentado no Ensino Médio ou pela classe social a qual estava inserido, por exemplo. Ali me torno ainda mais crítico e dialógico, pois tenho interação não só com os meus pares, mas com os professores – que conversam e querem ouvir suas experiências para exemplificar na Sala de aula. Minha primeira disciplina foi “Ética e Deontologia”, então as discussões eram amplas dentro do campo das Ciências Biológicas. A linguagem e todos os as categorias dentro da análise do discurso se tornam presentes, associadas a meus fragmentos mnemônicos e minha construção e desconstrução como um indivíduo com uma identidade inacabada (BAKHTIN, 2014). Começo a ter réplicas (um discurso polifônico⁹) em meus enunciados e não só isso, as dialogias estão a todo favor, com pensamentos próprios, engendrados por outros, trocando experiências com outras pessoas que viviam em mundo/ dimensão muito diferentes que a minha. O processo de ensino-aprendizagem é inovador e transformador, principalmente de onde eu havia saído. E por mais que eu esteja em um local de diversidade cultural, político e social, ainda apresentava certos fragmentos de memórias subterrâneas. Caro leitor, certas rupturas na memória mediadas ainda estão presentes, a gente que as

9

Por conceber o dialogismo como um princípio constitutivo da linguagem, o autor estuda a interação verbal locutor/alocutário e o jogo de vozes no interior do discurso (*polifonia*). No primeiro caso, o da *dialogia*, argumenta que o *outro* tem papel fundamental na constituição dos sentidos no discurso do *locutor*, defendendo que nenhuma palavra é nossa, mas repleta da voz do *outro*. Essa noção aparece através da ideia de que o falante nunca acha a palavra despovoada das vozes dos “outros”, pois nunca a encontramos de forma neutra, sem o ponto de vista de “outros”: “a palavra cada falante recebe da voz de outro e repleta da voz de outro”; (ROLIM e LEITE, 2020, p. 317). No segundo caso, que diz respeito justamente ao jogo existente, no interior do discurso literário, de vozes que, originadas de uma esfera social abrangente, deixam entrever eles que dialogam entre si, que se complementam quando o atravessamento dos discursos quer religioso, quer político, quer histórico, contribui para o entendimento de dizeres que se somam, fortalecendo o discurso, ou, que se contradizem quando o atravessamento desses discursos polemizam-se, denunciando eles que se afastam (ZONIN, 2006, p. 4).

silenciam para viver melhor, como Pollak (1989) diz, nos momentos de exclusão. Por mais que eu esteja num mundo de possibilidades de aprendizagens e trocas, ainda existe o pré-conceito e o racismo. Sendo notório, sem disfarces... falando na sua cara, “que você não pertence àquele local”, pois entrei na Universidade por ações afirmativas. E essas exclusões não se dão só por um grupo específico de alunos (pares), mas em alguns docentes. Fazer o quê? Esta é minha identidade, minha história... este sou eu!

Na especialização e no mestrado (entre 2013 a 2016), pude beber na fonte de muitos autores diferentes que acrescentaram ao meu saber prévio e somaram com meus conhecimentos singulares, facilitando a aplicação de metodologias e trabalhos de ensino, tanto em ambientes não formais quanto em ambientes formais, pois já me encontro ainda mais desafiado com os aprendizados que tive nestes dois campos de estudos, *lato sensu* e *stricto sensu*. Já entendemos que o primeiro é mais amplo e mais generalizado como o próprio nome diz, e o segundo é mais específico, direcionando a teóricos e métodos mais específicos para serem aplicados em sala de aula ou não. E, logicamente, me agregou muitos valores no processo de ensino-aprendizagem, pois estávamos num espaço onde somos professores e ao mesmo tempo aluno. Ou seja, podemos nos condicionar a empatia na vida concreta dos nossos alunos ou de um grupo social a ser pesquisado. É importante dizer que realmente entramos em outra dimensão dentro da nossa dimensão. A aprendizagem é constante e o meu eu continua se construindo e se transformando a cada instante. Desde o indivíduo inacabado até uma modelagem mnemônica, trazendo à tona todas as memórias descritas por Pollak e Vygotsky, que o faça entender quem sou eu, qual minha identidade e para onde estou indo com essas memórias?

Neste movimento de classes e permeado por diversas classes ou mundos, transformo-me, as interações coletivas, minha memória individual em coletiva, de acordo com o grupo social ao qual estou inserido, sem perder minha identidade e perfilização e entendendo que estou em constantes transformações no processo mental, pessoal, social, histórico e de aprendizagem.

Em relação às memórias nacionais estudadas por Pollak (1992), normalmente, apresentam-se em datas marcantes na sociedade como um todo nacional: eleições políticas; ditadura; chacina em comunidades; ou numa premiação olímpica para o país, ou até mesmo um golpe militar/político, impeachment de um Presidente (no ano de 2016, por exemplo), vivenciado por todos nacionalmente. É impossível, leitores, apresentar a memória nacional, sem falar de fatos que ainda até hoje são presentes: preconceito, racismo, greves, movimentos sociais para melhoria de vida de professores, numa marcha para uma educação libertadora, ou marchas por identidade de gênero e classes sexuais ou sociais.

E invertendo o papel? Como se deu essa linha tênue entre professores e alunos? Confesso que, de início, até me adequar às políticas educacionais das escolas eu fui um professor conservador, pois obedecia às normas das escolas privadas que lecionei. Porém, quando a escola me dava liberdade/autonomia, enquanto supervisão e gestão escolar, assim como menciona Alarcão (2010), proporcionava reflexão durante a ministração didática em sala como os alunos e troca entre os pares.

Tenho a memória um pouco fragmentada, enquanto docente: querendo não ser igual os professores que me causaram trauma e disforia. Tentei e ainda tento ser o mais libertador e autônomo e aplicar a realidade concreta (FREIRE, 1986) de alunos com assuntos em sala de aula. Analisando não só o aluno, mas as turmas e o que pode ser diferente. É uma memória secundária? O coletivismo foi aplicado não só com alunos, mas com os demais docentes. As trocas de experiências com os demais docente e as

interações, mostram um aumento significativo no desenvolvimento identitário no processo do eu com o outro e do outro com o eu (BAKHTIN, 2014).

E o mais engraçado, é que por mais que eu use fragmentos memoriais, as memórias se encaixam perfeitamente na minha narrativa/ história oral.

Neste momento pertenço ao grupo de pesquisa: Ciências, Arte, Formação e Ensino (desenvolvido pelo Programa de Pós-graduação de Mestrado de Ensino de Ciências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, *campus Nilópolis*), que faz com que nós docentes/ pesquisadores e ainda alunos nos condicione a uma intensa construção de identidade social. As discussões sobre diversos autores, metodologias e suas aplicações nos favorecem a tal ponto que meio que fica intrínseca em nossas memórias, almas, por assim dizer. São tantas metodologias diferentes que o meu eu quer aplicar em determinado local, tempo-espaço. As discussões geram conflitos internos que faz com que a criticidade aumente, por assim dizer. E lógico, que em todo esse meu percurso histórico-social-memorial eu fui me aprimorando cada vez mais em diversos assuntos, como forma de “formação continuada”, pois ajuda e muito, na construção do meu eu e construindo o quebra-cabeça que é minha mente, com relação às memórias.

Quis representar um processo de evolução/ construção de identidade e da memória, num intervalo de tempo de 10 anos, desde o meu nascimento até os tempos atuais. A memória está sempre em processo de absorção de novos saberes. Em determinado momento, estacionamos e logo, com novas réplicas tornam a crescer. Lógico que existem espaços na memória, ou esquecimentos, que preferimos não expor, como diz Pollak, a memória é seletiva.

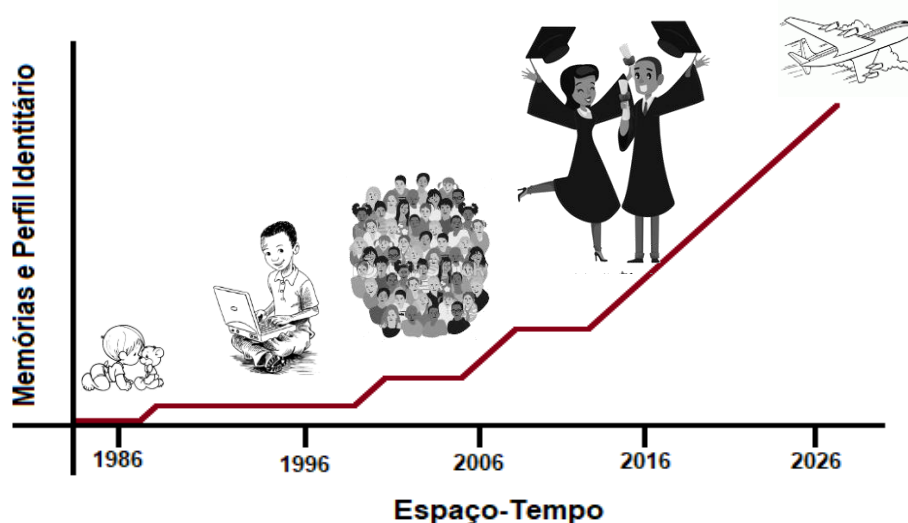


Figura 1: Perfil Identitário e Memorial X Espaço-Tempo
 Fonte: realizado pelo autor

Na figura 1 está sendo destacado a cada dez anos de desenvolvimento o autor, desde o nascimento até o futuro. Podemos perceber que neste espaço-tempo, que a cada dez anos, construí em meus eus, diversas camadas mnemônicas, na construção de minha psique. Então cada identidade social, político, cultural foi sendo construindo através de contatos. Desde o nascimento, em 1986, as memórias primárias começam a tomar formas, sinais e signos com os contatos fraternais; no ano de 1996 já me encontro no

ensino fundamental (minhas memórias secundárias e mediadas e coletivas já estão presentes no meu desenvolvimento; neste tempo-espaço já crio uma rede de ideias e fragmentos mnemônicos, a partir do outro e dos sinais e signos; até 2006 até a formação do ensino médio e ensino nível superior, aumento minha rede de pessoas, me reconstruo em cada troca com outrem e minha memória já chega num nível nacional, onde eu faço parte de algo maior do que meus eu. E assim vai, de mestre a doutor. Lógico que em diversos momentos da minha vida, memórias subterrâneas surgem e a questão é: devo me enfiar num casulo para sempre, ou devo me virar numa Apollo? Na verdade, temos momentos casulo, mas caro leitor, não se permita a isso. Viva, cresça, evolui, troquem experiências, criem memória para permitir o seu desenvolvimento pessoal, sociocultural, políticos, sejam um Apollo ou um Morpho! Você decide. Pois “é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória” (SELAU, 2010, P. 218), porém,

Consideram a fonte oral em si mesma e não só como mero apoio factual ou de ilustração qualitativa. Na prática, eles colhem, ordenam, sistematizam e criticam o processo de produção da fonte. Analisam, interpretam e situam historicamente os depoimentos e as evidências orais. Complementam suas fontes orais com as outras fontes documentais do trabalho historiográfico. Não se limitam a um único método e a uma técnica, mas as complementam e as tornam mais complexas. Explicitam sua perspectiva teórico-metodológica da análise histórica e, sobretudo, estão abertos e dispostos ao contato com outras disciplinas (SELAU, 2010, p. 227).

Neste caso, nossa análise metodológica foi a Análise do Discurso, a linguagem é que fornece base para ser analisada, “a **língua** (grifo meu) é um fato social cuja existência se funda nas necessidades de comunicação” (BRANDÃO, 2012, p. 7).

Neste momento, trazendo à cena a Análise do Discurso a partir da obra de Bakhtin (2014), identificamos que o autor afirma que a linguagem não só tem o papel principal para o enunciador/ sujeito, mas que o mesmo é ponte estrutural semântica de qualquer ato de comunicação verbal. Para tanto, ocorre sempre a “vinculação entre a linguagem à ideologia, onde é um distanciamento entre a coisa representada e o signo que a representa. É nesta distância, no interstício entre a coisa e sua representação sígnica, que reside o ideológico” (BRANDÃO, 2012, p. 9).

Podemos perceber, baseado na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN, 2014), que nas narrativas estão presentes na categoria dos **gêneros discursivos** (primário e secundário)¹⁰. Na categoria de **Dialogia**¹¹; **Compreensão do discurso de outrem**¹²; **Ideologia**¹³; **Orientação apreciativa**¹⁴; E o que podemos verificar nas memórias de transição/mediada, onde existe uma transformação de significados para o eu e para o outro e **discurso polifônico**¹⁵:

É importante ressaltar que não estou em busca de ‘enquadrar’ a minha fala nas categorias teóricas de Bakhtin, mas esperamos dar sentido à verdade, isto é, dar realidade à teoria. Isso humaniza a teoria e permite com que ela retorne ao campo das relações concretas e vice-versa. Este é o exercício da práxis, da dialética. Por isso, a nossa opção de dialogar com Bakhtin não representa a ideia de que as categorias construídas pelo autor nos ajudarão a compreender a ‘verdade’ na fala do entrevistado, mas, para ser fiel ao próprio autor, a ideia é de que as categorias por ele desenvolvidas nos ajudem a entender a polifonia do discurso (FARIA, 2016, p. 61).

10

Onde um é o conhecimento popular adquirido ao longo da vida e outro seria a cientificação acrescida em suas vivências pelos contatos e trocas de vivências e experiências, como mencionado acima, na memória coletiva;

11

O narrador (FARIA, 2016) demonstra o período de suas lembranças a dialógicas existentes na linguagem e trocas de saberes;

12

Nada mais é a troca constante de saberes do eu para o outro e do outro para o eu. E fica bem claro que a exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos reais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens, como demonstrou na narrativa temporal da construção de identidade social do meu eu;

13

Seria a totalidade das formas de consciência social, o que abrange o sistema de ideias que legitima o poder econômico da classe dominante (materialismo dialético e histórico), onde eu apresento nas minhas narrativas a estruturação das classes sociais que transitei, desde a infância, como os primeiros contatos, sinais, signos e símbolos, até me encontrar como um ser em construção identitária;

14

“se deve o papel criativo nas mudanças de significação. A mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro” (BAKHTIN, 2014, p. 140);

15

Por conceber o dialogismo como um princípio constitutivo da linguagem, o autor estuda a interação verbal locutor/ alocutário e o jogo de vozes no interior do discurso (polifonia).

Considerações finais

Apensar de toda vivência e troca de experiência do autor, como no mar, num costão rochoso¹⁶ onde, nos vemos, inicialmente na Zona infra-litoral, completamente coberto pelo mar, tentando com muito esforço, com a ajuda das variações do mar, nos encontramos na Zona meso-litoral – o contato com o mar e costa aberta – e por último na Zona Supra-litoral. Nesta analogia, somos os animais que vivem no final do costão rochoso e com ia e vinda da maré acabamos indo para cima do costão, com quase nada de água, ou seja, temos que passar por etapas para podermos evoluir, nesta analogia cada zona já tem uma espécie acostumada com seu habitat questão é somos inacabados, sejam onde estivermos; necessitamos do outro para aprender e se desenvolver - evoluir, individualmente, socialmente, politicamente e culturalmente. O trabalho com resgate de memórias é um objeto metodológico eficaz, pois depende muito de quem está relatando suas experiências como memórias e quem vão entender estas memórias narradas ou escritas. Neste sentido, acredito que minhas narrativas foram bem condensadas, pois se eu fosse relatar fragmento memorial por fragmento, daria muito mais páginas e o trabalho ficaria cansativo de ler.

Já trabalhei antes com o resgate de memória de Catadores de Materiais Recicláveis e deu bons frutos. No entanto, nunca me imaginei narrando ou enunciando parte das minhas vivências e experiências escolares. É lógico que cada escola tem uma dinâmica e o docente tem que se adequar. Nem sempre conseguimos ter uma visão libertadora e autônoma. Mas sempre pensamos nas metodologias que podemos utilizar em sala de aula.

Esse processo burocrático que existe entre direção escolar, supervisão escolar e orientação escolar é muito prejudicial ao aluno e também o docente (ALARCÃO, 2010), pois não favorece a flexibilidade que deveria ter numa comunidade escolar. Condicionam o docente e limitam-no, que por sua vez, acaba limitando o aluno. Entendemos que o processo educacional no país não está favorável no momento por ‘n’ fatores, porém poderíamos ser mais proativos para melhoria da didática e métodos de ensino. Que seja de forma transversal ou multitransversal. Mas que atenda a necessidade dos alunos na aprendizagem. Trazer experiências dos alunos para determinadas matérias e tópico do currículo escolar é muito complicado, mas podemos transicionar e tentar a mudança. Não adianta um docente fazer várias atualizações, extensões e não colocar em prática. O sistema educacional deve focar sim, na melhoria do processo ensino-aprendizagem de forma contextualizada e permanente.

Quando temos uma escola que de fato traz em seu projeto político pedagógico, na sua gestão ações que privilegiam a democratização dos conhecimentos científicos e artísticos, ela permite que o docente, assim como o aluno seja livre, crítico, sincero, questionador, envolvido no que está sendo trabalhado, seja em ensino de ciências (COOPER; ANJOS; VELLOSO, 2014) ou em demais disciplinas. Eleva o conhecimento científico do mesmo e, em contrapartida, ajuda na busca do conhecimento do docente, havendo sim uma troca de saberes. Permitindo o seu eu transformador e inacabado, se construir e se reconstruir, para criar sua identidade individual, coletiva, social, política, historicamente favorável a reflexão de seus atos, onde, ele estando em qual grupo social, farão a diferença positiva.

Leitores perceberam que tanto o resgate da memória, memória coletiva, psicologia social, a construção do eu social e análise do discurso (POLLAK, 1992 e 1989; HALBWACHS, 2017; FREIRE, 1986, 2014 e 2015; BRANDÃO, 2012; BAKHTIN, 2014; ERIKSON, 1976) conversam entre si: todos querem exatamente a transformação do indivíduo para se tornarem críticos e multiplicadores do saber, que adquiriu e trocou ao longo da sua trajetória de vida. Ele será mais fluido e capaz de entender muito mais dos

16

Costões rochosos são regiões de transição entre os meios terrestres e marinhos, apesar disso são considerados ambientes mais marinhos do que terrestre, pois seus organismos estão predominantemente relacionados ao mar. Os costões são formados por estruturas rochosas que se estendem desde o assoalho oceânico até alguns metros acima do nível do mar.

enunciados cotidianos que passam em suas vidas, além do salto de esperança para os indivíduos em desenvolvimento (FREIRE, 2015). E o fator que faz com que estas três fontes de pesquisa, para funcionar, é o espaço-tempo.

Cada indivíduo, desde o seu desenvolvimento primário, contatos fraternais, a linguagem, o contato com a cultura familiar e com as dimensões/mundo externos, está em constantes transformações, mesmo com aprendizagem inicial de conhecimento popular (RIBEIRO, 2007) e credíes, mas com sua alteridade (hegelianismo) cada vez mais forte, e aprendendo cada vez mais e tendo entrelaçado o seu conhecimento científico através das trocas. Já referendamos isso ao longo do texto, na gama de redes coletivas, contato com outras culturas ou classes sociais diferentes, dentro de uma sociedade que não entende que o homem está sempre se moldando, sempre se adequando a realidades concretas em cada nível social e de classes. Não me entendam mal, mas o homem interpreta o eu dele em vários momentos de sua vida. Volto a repetir, essa identidade que ele cria ao longo do tempo, não são personagens de uma peça teatral ou de um filme, que ele precise fazer “laboratório”, para entender aquele universo e interpretar. Não! O homem está em transformações: culturalmente, emocionalmente, socialmente, politicamente, ideologicamente, mentalmente e fisicamente, para levantar, erguer suas mãos e dizer: Eu sou um homem, em processo de construção, com minha identidade social, negro ou branco, que permeia por diversas camadas sociais, sendo crítico e elevando meus conhecimentos e passando para outrem.

Sobre o artigo

Recebido: 18/04/2020

Aceito: 23/05/2020

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, S. H. V.; ANTUNES, M. M. **A Teoria Vigotskiana Sobre Memória: Possíveis Implicações para a Educação**. Anais Da 28ª Reunião Anual da ANPED, 2005.
- ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. Coleção Questões da Nossa Época, Editora Cortez, ed. 7, 102p., 2010.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.
- BAKHURST, D. A. Memória social no pensamento soviético. In: DANIELS, H. (Org.) **Uma Introdução à Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BARBOSA, G. F. **Teoria do Desenvolvimento Psicossocial: Erik Erikson**. SlideShare. LinkedIn Learning. 2013. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/GeizaFBarbosa/teoria-do-desenvolvimento-psicossocial-erikson?from_action=save>. Acesso em: ago/ 2019.
- BARROS, J. P. P. Constituição de “sentidos” e “subjetividades”: aproximações entre Vygotsky e Bakhtin. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 1, n. 2, p. 133-146, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/724>>. Acesso em: mai/ 2016.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 3ª ed. rev. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

BRENNAND, E. G. G. Buscando em Paulo Freire as concepções de indivíduo e mundo. Biblioteca Digital Paulo Freire. **Revista A Crítica**, João Pessoa, v. s/v., s/n., p. 1-12, 2014. Disponível em: <http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Controle?op=detalhe&tipo=Artigo_revista&id=10>. Acesso em: fev/2016.

CALADO, A. J. F. **Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de sociedade**. Caruaru: Fafica, 2001.

COOPER, A. F. S. C; ANJOS, M. B. e VELLOSO, V. P. Concepções de natureza e de ambiente a partir de periódicos brasileiros da área de filosofia: uma contribuição para o ensino de ciências. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 7, n. 1, , 2014. Disponível: <<https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21163/12636>>. Acesso em: mai/ 2017.

COSTA, M. A. A. **Integralidade da educação ambiental e o ensino de ciências em espaços formais, informais e não-formais**. Anais do VI ENPEC. p. 1-8. Florianópolis: UFSC, 2007.

COSTA, S. S. **A linguagem como mediadora na construção da memória e da identidade na infância**. *Educativa*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 259-270, 2013.

DELIBERAÇÃO nº 13/1976. **Fixa normas para matrícula, transferência e adaptação de alunos e dá outras providências, conforme os termos do Parecer nº 77/1976**. Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.cee.rj.gov.br/deliberacoes/D_1976-013.pdf>. Acesso em: nov/ 2020.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Tradução: Álvaro Cabral. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FARIA, R. P. **Pensando a educação ambiental crítica a partir de fragmentos do discurso presentes nas memórias sociais de uma catadora de materiais recicláveis**. 2016, 79f. Dissertação (Mestre em Ensino de Ciências). Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Nilópolis, 2016.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. Org. Carlos Rodrigues Brandão. 6ª edição. **Pesquisa Participante**. Editora Brasiliense. p. 34-41, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 22ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e Educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 1996.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução: SIDOU, Beatriz. Editora Centauro. 224p, 2017.

LEAL, L. A. M. **Memória, Rememoração e Lembrança em Maurice Halbwachs**. Edição 18. *Revista Linguagem*, São Carlos, 2012. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/lin_guasagem/edicao18/artigos/045.pdf>. Acesso em: ago/ 2018.

MAHEIRIE, K. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C.; AQUINO, J. G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-Posições*, Campinas, v. 17, n. 2 (50), p. 119-138, 2006.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://>>

bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>.
Acesso em: fev/ 2016.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, nº 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: fev/ 2016.

RIBEIRO, N. B. Dois sentidos constitutivos da aula: conhecimento científico e senso comum. In: NASCIMENTO, L. M.; PEDROSO, L. E.; SANTELO, A. D. (Org.). **Múltiplos olhares sobre a linguagem, a arte e a ciência**. 1ª ed. Belo Horizonte: UFAC, v. s/n, n. s/n, p. 25-40, 2007. Disponível em: <http://www.ufpa.br/campusmaraba/index/cache/publicacoes/nilsa_fael_3.pdf>. Acesso em: fev/ 2016.

SELAU, M. S. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Revista Esboços**. UFSC, v. 11, n. 11, p. 217-228, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486/9887>>. Acesso em: jun/2017.

SANTOS, M. S. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online], São Paulo, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38myrian.pdf>>. Acesso em: dez/ 2015.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a03v_2171.pdf>. Acesso em: jun/2018.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZONIN, C. D. Polifonia e discurso literário: outras vozes que habitam a voz do narrador na obra Ensaio sobre a Lucidez de José Saramago. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/4870/2785>>. Acesso em: nov/ 2020.